



**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

**RESISTÊNCIA E CONSUMO:
Uma Cartografia na Sociedade Vegetariana Brasileira no núcleo Fronteira da
Paz**

Aluna: Indira Rodrigues de Freitas

Orientador: Igor Baptista de Oliveira Medeiros

Resumo: Esse estudo buscou observar novas formas de subjetividade no consumo alimentar, que não está centrado na carne, e que tipos de resistências os indivíduos aderem para não caírem no consumo hegemônico carnista de nossa sociedade. Para tanto, realizei uma cartografia na Sociedade Vegetariana Brasileira onde encontram-se voluntários adeptos do vegetarianismo e voltados para o ativismo, no intuito de sustentar suas práticas na região da fronteira Livramento e Rivera. A escolha do método cartográfico, veio de encontro com a necessidade de análise, que visa acompanhar os sujeitos e processos de subjetivação através da experimentação em campo, sem procedimentos metodológicos muito limitados. Os principais resultados desse estudo foram que os analisados só sustentam o consumo vegetariano através de uma firmeza moral e ética em relação aos animais, que o cuidado de si através de práticas restritivas alimentares não restringem os vegetarianos do convívio com os demais indivíduos carnistas, e que o consumo vegetariano é reforçado nas práticas de resistências articuladas, para resistir ao consumo carnista em forma de ativismo.

Palavras-chave: Subjetividade; consumo; vegetarianismo; cuidado de si.

Abstract: This study sought to observe new forms of subjectivity in food consumption, which is not centered in the flesh, and what types of resistances individuals adhere to do not fall into the hegemonic consumerism of our society. I carried out a cartography in the Brazilian vegetarian society where volunteers who are adepts of vegetarianism and are focused on activism, in order to sustain their practices in the region of the Livramento and Rivera border. The choice of the cartographic method came against the need for analysis, which aims to follow the subjects and processes of subjectivation through experimentation in the field, without very limited methodological procedures. The main results of this study were that the analyzed ones only support the vegetarian consumption through moral and ethical firmness towards animals, that self-care through restrictive food practices does not restrict vegetarians from fellowship with other carnivorous individuals, and that vegetarian consumption is reinforced in the practices of articulated resistance, to resist consumerism in the form of activism.

Keywords: Subjectivity; consumption; veganism; care of the self.

Resumen: Este estudio buscó observar nuevas formas de subjetividad en el consumo alimentario, que no está centrado en la carne, y qué tipos de resistencia los individuos se adhieren para no caer en el consumo hegemónico carismático de nuestra sociedad. , realicé una cartografía en la sociedad vegetariana brasileña donde se encuentran voluntarios adeptos del vegetarianismo y dirigidos al activismo, con el fin de sostener sus prácticas en la región de la frontera Livramento y Rivera. La elección del método cartográfico, vino de encuentro con la necesidad de análisis, que busca acompañar a los sujetos y procesos de subjetivación a través de la experimentación en campo, sin procedimientos metodológicos muy limitados. Los principales resultados de este estudio fueron que los analizados sólo sostienen el consumo vegetariano a través de una firmeza moral y ética en relación a los animales, que el cuidado de sí a través de prácticas restrictivas alimentarias no restringen a los vegetarianos de la convivencia con los demás individuos carnistas, y que el consumo vegetariano es reforzado en las prácticas de resistencias articuladas, para resistir al problema el consumo de carnicería en forma de activismo.

Palabras clave: Subjetividad, consumo, vegetarianismo; cuidado de sí mismo.

1 INTRODUÇÃO

Até que ponto nossos hábitos de consumo interferem em quem somos? Pois bem, para o público aqui em estudo, veganos e vegetarianos, seus hábitos de consumo vão muito além de gostos e preferências particulares pois, estão pautados em uma série de princípios e condutas morais que acabam interferindo na constituição de um novo sujeito. Mas a grande questão é por que, que para alguns o fato de não se apropriar de outros seres vivos para seu próprio benefício é suficiente para mudanças de hábitos, e para uma grande parte da população esse fato passa como irrelevante nas suas práticas de consumo.

As minhas reflexões acerca deste tema começaram quando presenciei de perto essa diferença de consumo em alguns indivíduos na minha região. Nasci e fui criada em um estado, onde o consumo de carne está muito arraigado à nossa cultura. Na maioria dos lares desta região, os almoços de domingo ou datas festivas acabam em churrasco. Além disso, grande parte dos estabelecimentos oferecem opções alimentícias de origem animal.

Por tal motivo, interessei-me em estudar o indivíduo pela ótica do veganismo e vegetarianismo por tamanha produção de subjetividade, já que estes, mesmo inseridos em uma cultura e em um contexto social onde o consumo de carne e alimentos de origem animal é fortemente instigado, optam por outro estilo de vida.

Desde já garanto, que este estudo não tem como objetivo delimitar ou definir o comportamento dos indivíduos frente ao consumo, mas embarcar e imergir nessa fascinante e incerta investigação para ensaiar o modo como pensamos a partir de um novo olhar do presente. Tratar-se-á aqui de gerar experimentações e problematizações, do que propriamente produzir conceituações precisas ou entendimentos fixos e categóricos.

De fato, tentar consolidar verdades de um discurso em relação ao sujeito e torná-las aplicáveis a qualquer outro seria um ato injusto, pois todos nós somos capazes de produzir nossas próprias verdades. Um indivíduo nunca é somente aquilo que sabe, tão pouco aquilo que foi criado para ser e muito menos constituído apenas por imposições que os papéis sociais que desempenha o obrigam a ter (FOUCAULT, 2001).

Refletindo sobre tais conjecturas é possível entender que cada sujeito carrega consigo fundamentalidades relativas e tentar compreender essa relação por meio de interpretação seria o modo mais errôneo de observação. Foucault nos incita a experimentar já que sempre

se contrapôs aos métodos de interpretação, a experimentação nos permite compreender modos de ser e viver (DELEUZE, 1992).

É de causar estranhamento quando se tenta estigmatizar um sujeito pelas circunstâncias onde ele involuntariamente foi inserido, dessa maneira estaria se suprimindo a condição singular que o ser humano possui de não só pensar, mas de contestar e produzir regras voluntárias de conduta que são mais adequadas ao seu modo de existência.

Todas essas problematizações motivaram essa pesquisa. É instigante observar toda forma de resistência que o indivíduo demonstra para expressar suas verdades, e inventar novos modos de existência por meio de regras facultativas em que o poder e o saber não regem suas práticas. Compreender as nascentes dessas necessidades é adentrar no campo da subjetivação. Para Foucault, a subjetivação não se trata de um retorno teórico ao sujeito mas uma busca prática de outro modo de vida ou um novo estilo de existir (DELEUZE, 1992). Logo, a subjetivação tem seus efeitos mais explícitos que os motivos de sua origem e é por tal razão que a subjetivação é alvo de estudo em profundidade

Diante de tais inquietações, senti que esse tema da subjetivação merecia ser estudado e pesquisado em nossa região. A experimentação a que me proponho ocorrerá por meio do acompanhamento das atividades e trabalhos realizados na Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) do núcleo em Santana do Livramento que recentemente vem realizando reflexões sobre consumo em nossa fronteira.

Assim, minha questão de pesquisa é: “Como ocorrem os processos de subjetivação frente ao consumo dos moradores que participam da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) Núcleo Fronteira da Paz?”. Busquei, então, investigar outras formas de subjetividade com relação ao consumo, que não o hegemônico na região da Fronteira Livramento e Rivera. Para tanto, foi importante também identificar quais resistências os membros da SVB manifestam para expressarem seu estilo de vida.

O estudo da subjetividade faz-se importante porque a produção dela faz com que os indivíduos tenham práticas e hábitos diferentes, e as novas formas de estilos de vida oriundas dessa subjetivação podem transformar um meio social. Além disso, esse tipo de análise a partir das práticas discursivas que conferem transformações a práticas hegemônicas têm resultado em contribuições em estudos no campo do marketing (BREI; ROSSI; EVRARD, 2007; COSTA; LEÃO, 2011; CAMARGO; LEÃO, 2015).

Trazendo para o meio acadêmico, principalmente para a área do Marketing, é importante este estudo, pois as práticas dos indivíduos devem ser observadas com atenção e cuidado para se compreender os processos de subjetivação que desencadeiam em múltiplas e plurais formas de consumo. Assim, buscar uma linearidade, ou uma relação de causa-efeito nos motivos que levam um indivíduo a consumir algo, mantém-nos presos aos mesmos construtos teóricos replicados continuamente dentro da área (AYROSA, 2013; AYROSA; CERCHIARO, 2014).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Esse referencial abordará inicialmente as ideias de Michel Foucault sobre a dietética do viver como forma de articulação com os estudos sobre consumo. Em seguida, discutirei sobre o entendimento de hábitos de consumo como práticas de si, que é uma noção foucaultiana. Por fim, apresentarei os principais estudos sobre veganismo, consumo consciente e ativista.

2.1 Dietética do viver: contribuições de Foucault para estudo sobre consumo

O advento da dietética apresentou-se como cura e se instaurou diante de um regime, onde os homens se alimentavam e se exercitavam segundo a natureza, “ a dietética aparece segundo essa gênese, como um espécie de medicina para os tempos de devassidão; ela era destinada às existências mal conduzidas e que buscavam prolongar-se” (FOUCAULT, 1984, p. 91).

Contudo, a dietética só se tornou um alongamento da arte de curar quando o regime da maneira de viver ficou apartado da natureza, o regime permite pensar sobre o comportamento humano já que caracteriza a maneira como o indivíduo conduz seu modo de existência, e com isso permite visualizar regras fixadas de conduta (FOUCAULT, 1984). Essas regras são para Foucault (1984, p. 92) “um modo de problematização do comportamento que se faz em função de uma natureza que é preciso preservar e à qual convém conformar-se”.

O regime tem um desdobramento entre boa saúde e bom estado da alma, o que consequentemente induz um ao outro porém, a determinação de seguir um regime ponderado e admissível, como também uma boa diligência em sua aplicação, dependem de uma inevitável firmeza moral (FOUCAULT, 1984).

A ordenação de um regime físico dá-se a partir de uma estética geral da existência “onde o equilíbrio corporal será uma das condições da justa hierarquia da alma” (FOUCAULT, 1984, p. 94), por isso entende-se que o regime não deve ser cultivado de modo excessivo. E, portanto, essa possibilidade de excesso pode ser um risco na prática da dieta, já que o regime tem como intuito justamente evitar tais excessos. Porém, eles podem ocorrer em tal demasia na relevância atribuída e na liberdade permitida (FOUCAULT, 1984).

A incerteza oriunda dos regimes excessivos exprime que a dieta não tem como objetivo estender a vida e muito menos levar os indivíduos ao mais alto desempenho mas, de tornar a vida proveitosa e feliz dentro dos marcos que foram estabelecidos. De mesmo modo ela não deve firmar em uma única vez todas as condições de existência de um regime pois, um regime que não permite algum tipo de mudança não é bom (FOUCAULT, 1984).

A utilidade que o regime permite aos indivíduos é justamente de enfrentar circunstâncias diferentes, “a dietética é uma arte estratégica no sentido de que ela deve permitir responder, de uma forma que seja razoável, e portanto útil às circunstâncias” (FOUCAULT, 1984, p. 96).

No entanto para que a dieta seja realmente razoável e que se adeque quando for necessário em circunstâncias e momentos , é preciso que seja uma questão de reflexão , pensamento e prudência. Diferentemente de operações e medicamentos que tem efeito no corpo, o regime concede direção a alma e incute princípios (FOUCAULT, 1984).

De modo geral o exercício do regime enquanto arte de viver vai muito além de um conjunto de prudências idealizadas para evitar doenças ou então curá-las mas, é todo modo de se constituir sujeito que tem por seu corpo cuidado digno. Esse cuidado transpassa a vida rotineira e faz das atividades cotidianas da existência uma questão de saúde e de moral ao mesmo tempo, e determina entre corpo e a esfera que o envolve uma estratégia circunstancial que visa equipar o indivíduo com uma conduta racional (FOUCAULT, 1984). Em suma, o regime dos prazeres e consequentemente a economia que ele conduz e impõe é uma parte de toda essas artes da existência as quais Foucault chama de práticas de si.

2.2 Hábitos de consumo como práticas de si

Quando se discute sobre hábitos de consumo é necessário abordar o conceito de hábito e a contextualização em que foi criado, esse retorno de contexto é utilizado em estudos

que apresentam um levantamento sobre a construção dos hábitos de consumo (SETTON, 2010; MONDO, 2013).

Ambos estudos citados anteriormente, utilizam-se da noção aristotélica de *hexis*, que era utilizada por Aristóteles para apontar características da alma e corpo que são obtidas em um processo de aprendizagem (SETTON, 2006). Também pode ser compreendida como um estado de caráter moral que orienta os desejos e conseqüentemente a conduta humana (MONDO, 2013).

O conceito de hábito também foi utilizado posteriormente por Émile Durkheim, só que no sentido de designar um estado comum a todos os indivíduos, estado esse que para ele orienta as práticas de modo durável (SETTON, 2006). Trazendo para um abordagem mais contemporânea, na perspectiva de Pierre Bourdieu, os hábitos podem ser instrumentos para compreender a relação entre fatores sociais externos e a subjetividade de cada indivíduo. Todavia, nas perspectivas epistemológicas desses autores, o *habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2006, p. 63). Para pensarmos o hábito em uma base epistemológica distinta, que não o considera em uma lógica construtivista-estruturalista, amparamo-nos novamente em Foucault (1985), para relacionar a noção de hábitos com as práticas de si.

No terceiro volume da obra de Foucault (1985) “História da sexualidade”, observa-se o retorno a si e aspectos do existencialismo privado, além dos princípios e valores pessoais atrelados ao indivíduo como interesse por melhor se conduzir, no que ele denomina de estética da existência e a considera mais importante a respeito do desenvolvimento da ética do que da moral proveniente de uma imposição social ou na figura de uma autoridade pública.

O contexto do passado retratado na obra indica que um esgotamento da situação política e social da época favorecia a vida dos indivíduos, já que se não fossem tão inseridos nas cidades, poderiam se ocupar com o cuidado de si e buscar regras de conduta mais pessoais e conseqüentemente seriam mais dependentes de si próprios (FOUCAULT, 1985).

A intensificação e valorização da relação de si para consigo é chamada de cultura de si, que é compreendida como um arte de existência que tem como princípio o cuidado de si, e é esse cuidado consigo que dirige e norteia o desenvolvimento e conduz a prática do sujeito (FOUCAULT, 1985).

Essa prática do cuidado de si teve alcances muito gerais, principalmente na era clássica grega, além de se encontrar em diversas doutrinas da época, ela também resultou em formas e maneiras de conduta, originou e preencheu formas de se viver, estabelecendo práticas sociais e produzindo efeitos também na construção do saber do tempo em que se vive (FOUCAULT, 1985).

Ao consultar a obra de Foucault (1985), fica claro que o cuidado de si não deixa de ser um hábito, pois ele não exige a exclusão das obrigações e deveres para com o mundo, e sim orienta a separar um tempo para repousar em leituras, cuidar da saúde não só física, mas a saúde da alma. É por tal maneira que o cuidado de si e tais práticas não devem ser praticadas somente em uma fase, como quando se é jovem ou velho, já que nunca é tarde para se cuidar da alma.

Além disso, o tema do cuidado de si não requer apenas uma visão mais cuidadosa a respeito do cuidado consigo mesmo; ele exige trabalho de si para com os outros. Esse é um desafio na relação consigo pois, para tal prática é necessário fixar no passar da rotina um tempo para examinar suas condutas com os outros e lembrar seus princípios. Esse encontro

permite conhecer melhor a si próprio e levantar os preceitos e práticas que inspiram e orientam para uma conduta reflexiva: um constante trabalho de si no pensamento (FOUCAULT, 1985).

Assim, um dos objetivos da prática de si também é indicar que o fim principal deve ser procurado no próprio indivíduo, é desvincular-se de dispersões e questionamentos inúteis, rompendo com sujeições alheias para encontrar-se consigo mesmo (FOUCAULT, 1985).

É nesse cenário de cultura de si que foram desenvolvidas nos primeiros séculos da Antiguidade, reflexões acerca dos prazeres que repercutem até hoje e por tal motivo é necessário visualizar as práticas de si que os indivíduos refletem e se colocam de acordo com as verdades circundantes do tempo em que se vive. O cuidado para consigo mesmo não busca enclausurar-se em uma relação autopunitiva cerceada pelas moralidades que nos governam socialmente; pelo contrário, “o desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no reforço daquilo que pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral” (FOUCAULT, 1985, p. 73).

Além disso entende-se que as práticas de resistência do sujeito para exercer seus hábitos e práticas de si, assumem de certa forma um papel adversário com o poder, e que essas resistências não assumem um único posicionamento de recusa, mas a multiplicidade de pontos de resistências permitem aos indivíduos resistir dentro do possível e necessário, de forma estratégica em relação ao poder (FOUCAULT, 1988, p. 91).

2.3 Veganismo, consumo consciente e ativista

O veganismo é um movimento cada vez mais crescente e tem como objetivo a construção de práticas que reconheçam os direitos dos animais. Em linhas gerais esse movimento traz uma proposta de ressignificação da relação dos homens com os animais (TRIGUEIRO, 2013).

O conceito do veganismo não deve ser compreendido apenas com hábito alimentar mas, um movimento que possui um modelo de conduta que não prejudica e nem interfere na vida animal. O veganismo se encontra com o movimento vegetariano porém, é mais abrangente já que além de não consumir carne animal, também não consomem derivados como leite e ovos e se opõe, a qualquer tipo de exploração que cause o sofrimento dos animais (PEDROZO, 2015).

Em suma o veganismo é um movimento de resistência e luta, que foi formulado para romper a ideia de que os animais são objetos principalmente os não-domesticados pois, os animais não devem ser manipulados com o pensamento de que são passivos ou incapazes de interagir (PEDROZO, 2015).

Tanto o surgimento quanto, o crescimento do movimento vegano retrata que os indivíduos têm aderido ao consumo consciente, que trata de uma decisão somente de acordo com o ambiente mas, envolve na decisão de consumo questões mais coletivas de responsabilidade social (CARDOSO; SOUZA, 2013).

Também, entende-se que são chamados de consumidores conscientes, os consumidores que enxergam o consumo como um causador do esgotamento de recursos, que prejudicam o meio ambiente e diante dessa situação fazem sua preocupando-se com os efeitos de seus comportamentos de compra (BORELLI et al., 2012). Ainda, pode-se compreender com o estudo de Costa (2011) que o consumo consciente está relacionado com a informação, ou seja, consumidores conscientes, são consumidores que possuem todas as informações a respeito do produto que adquire.

Assim, entende-se que o consumo não está mais baseado em intenções neutras, pode-se entender que seus comportamentos e ações de consumo tem certa intencionalidade política e com isso o consumo não está mais apenas relacionado com a satisfação pessoal, deste modo compreendido como um consumo ativista (COSTA, 2011).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Para a realização deste estudo, optou-se por uma pesquisa de campo e pela utilização do método cartográfico para estudar os processos de subjetivação. A escolha deste método deu-se pela experimentação que o método permite e pela sua utilização nos estudos referentes aos processos de subjetividade (ROMAGNOLI, 2009; WEBER; GRISCI, 2010; WEBER; GRISCI; PAULON, 2012; WEBER; GRISCI, 2013).

Como o objetivo principal deste estudo é analisar o engendramento da subjetividade frente ao consumo, entendendo que essa produção do sujeito se dá das mais variadas formas, justifica-se a escolha do método cartográfico já que a essa metodologia não parte de um modelo pré-estabelecido “mas indaga o objeto de estudo a partir de uma fundamentação própria, afirmando uma diferença, em uma tentativa de reencontrar o conhecimento diante da complexidade” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169). Logo, a cartografia é uma ferramenta ideal para adentrar no campo da indeterminação e da complexidade investigando a coletividade de intuítos e forças em cada situação, sem curvar-se a preceitos reducionistas (ROMAGNOLI, 2009, p. 169).

A cartografia não possui procedimentos muito metódicos porém é possível a orientação em campo por meio de pistas onde estas não possuem uma hierarquia para sua utilidade mas possibilitam compreender que a prática cartográfica não ocorre com a prescrição de regras, e que a atenção do cartógrafo embora não se encontre engessada em regras necessita de certas atenções para experimentação (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

A abordagem da pesquisa é qualitativa já que não possui preocupação com representação numérica e visa o aprofundamento na compreensão de determinado grupo social, como também é um estilo de pesquisa que se opõe a modelos únicos de geração do conhecimento (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Os indivíduos alvo do estudo são todos membros da Sociedade Vegetariana Brasileira com sede em Santana do Livramento. Serão utilizados instrumentos de coleta como diário de campo, conversas informais e outras gravadas, e observação participante nos encontros e grupos de redes sociais disponibilizados. A observação participante faz parte do envolvimento cartográfico pois é quando a pesquisadora se incorpora no grupo ou comunidade alvo de estudo ao ponto de ser confundido como membro e participa das atividades dos indivíduos pesquisados (MARKONI; LAKATOS, 2003).

O diário de campo resulta para a cartografia em anotações que são importantes para gerar dados e conhecimentos a partir do contato com o campo de estudo, e é um instrumento fundamental para apresentar resultados de pesquisa (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015). Já as conversas para a cartografia são de mesmo modo essenciais já que cada palavra carrega vida e torna a pesquisa em movimento, além de gerar informações, momentos e histórias (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

A cartografia embora não possua procedimentos idealizados ou pré-estabelecidos, exige do pesquisador grande experimentação e instrumentos para melhor vivenciar tal experiência. Logo, este estudo teve um caminho e as seguintes etapas que se seguem.

3.1 Primeira etapa: ingresso ao campo

Como já descrito meu campo de pesquisa ocorreu na SVB Fronteira da Paz. O núcleo aqui na cidade já está consolidado e atua desde 2017 na região da fronteira. Ingressei na sociedade no dia 08 de setembro de 2018, na casa de um dos voluntários da SVB, através da reunião de ingresso de novos membros. Fui apresentada e expus minhas intenções de pesquisa que foram autorizadas pela coordenadoria do núcleo e bem recebidas pelos demais membros presentes.

A SVB Núcleo Fronteira da Paz sempre foi, para mim, um possível objeto de pesquisa pois intrigava-me a existência de um grupo ativista não carnista em nossa fronteira, onde é predominante o consumo de carne, que em 2017 fundada por 4 pessoas, atualmente conta com mais de 20 voluntários.

3.2 Segunda etapa: acompanhamento das ações da SVB Fronteira da Paz

Desde meu ingresso tive a oportunidade de participar de 12 encontros ao longo desses meses, como palestras, participação em feiras de amostra de trabalhos na cidade, encontro em universidades em Livramento e Rivera e oficinas de consultoria para empresas que queriam opções veganas e vegetarianas em seu cardápio.

Além dos eventos formais, convivi com os voluntários por meio de reuniões, conversas e almoços, onde pude ouvi-los e conhecer suas histórias, e trajetórias na consolidação do estilo vegetariano. Presenciei também o crescimento de voluntários que hoje conta com 23 voluntários no grupo, o que é mais da metade que havia no período do meu ingresso, e muitos deles foram incluídos ao longo de cada ação ou evento, em que também testemunhei os efeitos dos conteúdos dos eventos alcançando novos adeptos do vegetarianismo.

A partir dessas experiências, pude me colocar a formular questões mais específicas a serem exploradas com alguns dos voluntários. Essas questões seguem no texto.

Questões formuladas para os voluntários SVB
1- Como foi para você o contato com o vegetarianismo?
2- Como foi seu processo de transição?
3- Como você conseguiu se manter vegetariano? Qual foi sua mudança principal para se consolidar como vegetariano?
4- Como você percebe a recepção do vegetarianismo na fronteira?
5- Quais resistências ainda existem para as pessoas deixarem de ser carnista?

Além disso, as ações da SVB ocorrem de várias formas dependendo do estilo do evento, mas geralmente é com exposição de conteúdos por meio de documentários, apresentação de slides, palestras, distribuição de material informativo, entre outros.

3.3 Terceira etapa: observação das práticas dos voluntários

Essa terceira etapa aconteceu durante toda minha experiência em campo, tomando forma com passar do tempo. Como me tornei voluntária ao ingressar na sociedade, passei a

ter mais convívio e presenciar de forma mais espontânea os relatos das práticas de cada membro. Foi por meio da integração com os voluntários que construí meus diários de campo com minhas anotações e a partir disso, deparei-me com situações que só o contato com o campo permite.

Além de conviver com os voluntários e experimentar com a convivência suas práticas de consumo, decidi entrevistar alguns voluntários quanto aos questionamentos que me surgiam, e também para finalizar minhas análises e complementar minhas observações em campo. Escolhi cinco voluntários, aqueles que tinham mais experiência com o vegetarianismo e que eram membros há mais tempo na SVB Fronteira da Paz, por terem mais experiência com relação às práticas de si engendradas para estabelecerem uma forma de consumo vegetariana. Além disso, eles possuem mais tempo convivendo nesta cultura carnista dominante, exigindo-lhes mais esforço para se cuidarem e resistirem nesse contexto em que estão inseridos.

A seguir, apresento a caracterização dos voluntários entrevistados.

Voluntários	Gênero	Idade	Profissão	Tipo de dieta
V1	Feminino	19 anos	Estudante	vegetariana ovo lacto
V2	Feminino	32 anos	Estudante	vegetariana estrita
V3	Não- binário	-	Estudante	vegana
V4	Masculino	19 anos	Estudante	vegano
V5	Feminino	33 anos	Estudante	vegana

Para melhor entender esse público investigado, segue uma descrição do que caracteriza cada tipo de dieta vinculada ao vegetarianismo.

Tipos de dieta	Descrição
Vegana	(estilo de vida) zero consumo de alimentos de origem animal, além de produtos tais como: vestimenta, entretenimento, higiene, beleza, etc...
Vegetariana estrita	zero consumo de alimentos de origem animal, além de produtos tais como: vestimenta, entretenimento, higiene.
Vegetariana ovo-lacto	zero consumo de carne e derivados, consumindo ainda ovo e leite direta e indiretamente, além de não consumir produtos tais como: vestimenta, entretenimento.

3.4 Quarta etapa: retorno dos voluntários

Como a cartografia é realizada para experimentar os processos de subjetivação, dentro de um espaço existencial no qual pertence aos indivíduos observados, é imprescindível que os mesmos façam parte da construção das análises. Para isso, além de minha análise como pesquisadora em campo, solicitei aos voluntários uma avaliação das minhas observações e inquietações, já que os principais instrumentos para tais embasamentos eram eles mesmos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir, apresentarei as análises do processo de subjetivação para o consumo vegetariano dos moradores da região fronteira entre os Municípios de Sant'Ana do Livramento e Rivera que participam dos encontros promovidos pelo núcleo Santanense da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB). Para elucidar como se engendra essa subjetivação frente ao consumo dos participantes envolvidos, desmembrarei as análises em três tópicos analíticos que compõem a trajetória de constituição dessas subjetividades.

4.1 Iniciação e processo de transição para o consumo vegetariano

Pude acompanhar durante minha jornada em campo o processo de transição dos voluntários, dos ouvintes por ocasião, suas experiências com a dieta vegetariana principalmente suas particularidades já que cada voluntário se encontra em determinados tipos de restrições e muitos deles dizem estar sempre em constante aperfeiçoamento da dieta.

Presenciei relatos de pessoas que eram apenas simpatizantes com o tema decidirem mudar radicalmente seus hábitos alimentares em prol dos animais e a fim de romper comportamentos que sacrificavam e exploram tais seres. A maioria dos voluntários que hoje fazem parte do núcleo, tiveram seus momentos de transição mais relevantes antes mesmo de conhecer a SVB e assim se mantinham por muito tempo, porém encontraram no núcleo certo acolhimento pela familiaridade de princípios e valores.

Para mim foi surpreendente testemunhar que muitas pessoas que hoje possuem tais dietas, já vinham a algum tempo relutando contra a cultura local por meio de práticas como estudos, busca constante de informação, aquisição de materiais ou até mesmo sacrificando seus desejos frente ao consumo carnista para recusarem a serem coniventes com a apropriação e exploração animal. Lembro-me bem que em certa ocasião uma das ouvintes presente em um evento da SVB, relatou sua experiência, expôs que sempre teve mais apreço por cães e gatos, porém certo dia, ela viu-se cuidando as galinhas da vizinha, que passavam constantemente para sua residência, e nessa ocasião percebeu que os demais animais precisam de mesmo cuidado e são capazes de desenvolver a mesma relação de afeto, com seu dono assim como os cães e gatos, logo foi uma pequena questão de tempo para cortar o consumo da carne de aves e posteriormente qualquer outro tipo de carne. Foi assim que percebi que os processos de transição muitas vezes são impulsionados pela experimentação com os principais prejudicados com o consumo carnista, os animais. Como também a prática de cuidar e zelar por vários tipos e diversos animais, provoca confronto em muitos indivíduos que modificam a condução de suas práticas por meio da relação mais estreita e envolvendo sentimentos, que permeiam uma modificação para proteger os animais.

Além de toda essa experiência em campo, decidi delinear algumas questões para que alguns voluntários expusessem sua trajetória com o processo de iniciação, ou seja, como foi o contato do indivíduo com o vegetarianismo e posteriormente como foi o processo de transição para tornar-se vegetariano. Foram entrevistados 5 voluntários que descreveram e

relataram sua experiência pessoal com o vegetarianismo como também indicaram suas classificações (vegetarianos estritos, ovo-lacto-vegetarianos e veganos). Essas entrevistas serviram para complementar a experimentação com o campo e como um recurso para compreender e exemplificar processos de subjetividade com alguns voluntários.

O primeira voluntária (V1) classifica-se como ovo lacto vegetarianos a aproximadamente 4 meses, e relatou sempre ter consciência da exploração animal desde sua infância, que se questionava sobre o motivo de tal comportamento da parte do homem com os animais. Em uma certa ocasião conheceu a sociedade vegetariana brasileira que ainda não estava bem consolidada como se encontra hoje em dia , mas como era simpatizante com o tema vegetarianismo passou a colaborar com as ações promovidas pelo núcleo para ajudar na causa que considerava muito nobre, porém a voluntária ainda consumia carne. Com o passar do tempo, algumas questões começaram a pesar nas reflexões da voluntária segundo seu pronunciamento:

Algumas questões começaram a pesar nas minhas costas como a ética [...] E eu comia mais carne pela família. Era o que tinha para comer [...] mas chegou um momento que eu cansei e deixei de comer. Eu simplesmente acordei num dia e disse que parei! [...] eu não me sentia ética comendo carne e fazendo parte da sociedade.

Aqui fica evidenciado que as práticas de fato conduziram a voluntária a tornar-se vegetariana, já que, por participar das ações e promover encontros por meio de eventos, junto ao convívio e diálogo com os demais membros do núcleo, causou-lhe certa inconformidade que não se aplicou apenas à sua mente, mas modificou seu comportamento e se consolidou por meio das práticas que continuamente era submetida a partir de sua participação no núcleo.

A segunda voluntária (V2) é vegetariana estrita há 5 anos e revelou que sempre teve problemas com a carne a mesma enfatizou “carne vermelha para mim era uma tortura” e a ideia de ser vegetariano sempre foi algo que lhe agradava muito, porém as pessoas que a cercavam falavam que a mesma teria muitas restrições e que sua alimentação se basearia só em saladas, por falta de informação na época a voluntária contou que resolveu não aderir o vegetarianismo, já que achou pouco atrativa a dieta que deveria seguir em substituição da carne.

No entanto, sua ideia de que não poderia se alimentar com seus pratos favoritos ao virar vegetariana não se sustentou por muito tempo, certo dia foi confrontada por um amigo que segundo ela falou “Se tu gosta tanto de animais porque come carne?”. A partir desse dia a voluntária deixou de comer carne pois, percebeu que poderia se alimentar com uma variedade de alimentos mesmo não sendo carnista, e conseqüentemente evitar a exploração dos animais que tanto gostava. Por um longo tempo foi ovolacto vegetariana, pois achava muito difícil deixar de consumir laticínios e derivados, mas quando percebeu que sua dieta era ainda prejudicial para os animais resolveu virar vegetariana estrita. Atualmente, a mesma consome laticínios e derivados em momentos para socializar porém não é um hábito em sua residência também relatou que ser voluntária na SVB contribui para seu estilo de vida. Segundo ela: “Eu vejo a SVB como um grupo de apoio onde tem pessoas com as mesmas ideias que eu”. Nesse relato, percebemos que a voluntária por meio de sua insistência na procura de alimentos no cotidiano conseguiu consolidar um padrão de consumo sem carne. Além disso, o fato de praticar junto ao grupo da SVB ações de ativismo tem provocado apoio para suas escolhas e fortalece ainda mais suas práticas.

O terceiro voluntário (V3) semelhante aos outros voluntários não apreciava muito a carne comia porque era oferecida em sua casa, após haver algumas mudanças em sua vida resolveu tornar-se vegetariano. Permaneceu durante 10 anos sendo vegetariana mais por uma questão de gosto, ou seja, os animais não eram em suma o principal motivo da sua nova dieta,

nessa época o voluntário conta que falhou algumas vezes já que não praticava o vegetarianismo de um modo “correto” já que consumia derivados da carne em alguns momentos nesse período, porém o voluntário simpatizava muito com o veganismo daí já por uma questão de ideal só que , achava muito difícil largar os laticínios e achar boas opções para sua alimentação aqui na região sendo vegano.

Já que tinha interesse em torna-se vegano o voluntário percebeu a necessidade de buscar informação, utilizando vários meios como livros e internet, mas o que a ajudou a tornar-se vegano foi conhecer a SVB onde por causa do seu interesse a sociedade criou um grupo no whatsapp para auxiliar na transição dos membros cujo nome é “SVB Ajuda” , o que posteriormente auxiliou ele na busca de substituições ideais na sua dieta. Outro recurso que a voluntária utilizou na sua transição através da internet é da mentoria prestada pela PETA (“*People for the Ethical Treatment of Animals*”) traduzindo para o português “pessoas pela ética no tratamento de animais”, que é uma organização sem fins lucrativos localizada na cidade de Norfolk, no estado da Virgínia. Eles concedem tutores que ajudam na dieta. Logo a busca incessante por informação, investimento em materiais e recursos , e seu empenho em dedicar seu tempo para estudar, ouvir e questionar os voluntários da SVB forma práticas que possibilitaram modificar seu estilo, e constantemente vem se reafirmando por meio da troca de conhecimento promovida pela SVB através do eventos, palestras, exposições do trabalho do núcleo na fronteira.

O quarto voluntário (V4) é vegano faz pouco tempo mas seu contato com o vegetarianismo já tem 6 anos, o voluntário relatou que sempre gostou muito de animais principalmente cães e gatos após algumas reflexões percebeu que os demais animais não se diferem dos animais que costumava conviver (cães e gatos) e a partir disso decidiu não comer mais carne para proporcionar a todos animais igual tratamento.

Sua reflexão acerca dos animais possibilitou muita facilidade em tornar-se vegetariano e no começo deste ano (2019) decidiu pelo veganismo com auxílio da SVB da qual faz parte desde o início de suas ações, para essa segunda transição o voluntário relatou também ter facilidade já que deixou de morar com seus familiares carnistas para estudar em outra cidade e agora, passa a preparar suas refeições O voluntário ainda completou” a hora que tu percebe que algo tá errado [...] e tu muda para mudar o mundo, então tu não tem problemas de [...] tu não coloca teu gosto pessoal à frente de um problema muito maior”. Através de tal trajetória de consumo é possível perceber mais uma vez que a práticas que se desprendem nas relações com os animais conferem ao indivíduo mudança em seus hábitos alimentares, e no caso do voluntário (V4) a mudança que fez por motivos de estudo permeiam outras práticas das quais precisou aderir para se manter vegano, através da preparação de seus alimentos.

Por último, a quinta voluntária (V5) a ser entrevistada, é atualmente vegana, diferente dos demais entrevistados a mesma demorou para relacionar seu convívio com os animais para modificar sua dieta , desde sua infância teve contato com muitos animais, dos mais diversos, porém pela imposição cultural da carne por parte de sua família o tema vegetarianismo ainda era muito distante de sua realidade. Quando chegou na fase adulta passou a se envolver em alguns movimentos ativistas em defesa dos animais em especial cães e gatos , foi quando começou a refletir suas ações em relação aos outros animais segundo ela “comecei a me dar conta que era bem incoerente... o que eu estava fazendo, de comer animais sendo que eles tinham os mesmos sentimentos e as mesma vivências e tudo.. que os cães e gatos que eu tanto protegia, e isso foi bem forte”. Logo essas questões somadas a algumas experiências pessoais tornaram a voluntária vegetariana por um bom tempo, mais tarde ela aderiu ao veganismo ao perceber que através dele afetaria mesmo os animais e que a nova dieta só era até então difícil

pelo seu comodismo segundo ela, a SVB também teve um papel importante em sua vida mesmo já tendo iniciado suas transições antes do contato com a sociedade.

Todos esses voluntários têm particularidades em suas experiências com o vegetarianismo, mas principalmente o que induz suas dietas é uma firmeza moral que é imposta voluntariamente por meio dos regime (FOUCAULT, 1984), que é o realizável dentro das possibilidades de cada um e estão sujeitas a modificação de acordo com as novas intenções em relação a dieta que cada voluntário pode reformular com o passar do tempo.

Além das classificações e trajetórias de cada um foi possível perceber que por meio do engajamento com o coletivo, no caso o núcleo da SVB, foi possível consolidar em muitos voluntários o processo de transição e que o desempenho na integração e participação com o grupo facilita o aprimoramento das práticas que envolvem a dieta vegetariana.

4.2 Consumo vegetariano como prática de resistência

Para compreender a que contexto discursivo os vegetarianos da região fronteira estão submetidos, e conseqüentemente que tipo de adaptações ou resistências os mesmos aderem em muitos momentos, para manterem suas práticas, meu olhar também pôs-se a observar as interações entre o núcleo da SVB com cenário cultural da região. Nessa localidade, o consumo da carne é predominante e fundado em uma tradição fortemente praticada, não só para consumo próprio, mas também como um meio em que muitos indivíduos tiram seu sustento por meio de atividades que envolvem a utilização dos animais das mais variadas formas, para fins econômicos.

Convivendo com o núcleo SVB Fronteira da Paz pude perceber e vivenciar de perto, os contrastes que se apresentam entre carnistas e vegetarianos não só em questão das escolhas alimentares de cada grupo, mas pelas intenções totalmente opostas a respeito dos animais. Recordo-me de alguns acontecimentos que presenciei em campo para retratar esses contrastes. Certa vez, em um evento no qual a sociedade vegetariana se fez presente para realizar seu trabalho entendido como ativismo (COSTA, 2011), presenciei uma certa senhora que consumia carne e aparentemente obtinha seu sustento através de atividades ligadas à utilização de animais. Ela se dirigiu ao estande da SVB a fim de questionar as práticas dos voluntários, já que apenas a proposta do grupo por si só provocava certo confronto, visto que seu objetivo não era obter informações na ocasião, mas contrapor-se a qualquer tipo de prática ou princípio contrário à sua conduta carnista. Em outra ocasião, ao acompanhar a SVB em uma espécie de palestra, vivenciei outra situação na qual a exposição do conteúdo contra a exploração animal foi recebida com efeito contrário por uma participante que ao ouvir tais informações se manifestou contra o posicionamento dos voluntários, já que possui atividades econômicas vinculada aos animais. Embora acontecimentos como estes não tenham sido muito frequentes no meu período de acompanhamento, pude perceber por meio desses citados o contexto cultural que a SVB resiste por meio de suas ações, a fim de romper com tais práticas e conscientizar as pessoas que não são adeptas nem simpatizantes com o vegetarianismo. Assim, entendo a resistência coletiva que o núcleo se esforça para conscientizar quanto ao tratamento que é atribuído ao animais aqui na região, que em sua maioria é para consumo e benefício próprio, sem considerar o modo de tratamento destinados a esses seres.

Ao vivenciar tais situações em alguns casos resistentes e em outras receptivas com o vegetarianismo, procurei saber as percepções do tema aqui na região sob o olhar dos voluntários entrevistados. Foram bem variadas as percepções que cada voluntário exprimiu em suas declarações. A primeira voluntária (V1) colocou muito a questão cultural segundo

ela “a cultura na fronteira é muito enraizada [...] no convívio existe certa falta de informação evitado pela cultura”. Nesses pronunciamentos foi colocado que a questão cultural de nosso estado está muito vinculada aos hábitos de consumo alimentares da maioria dos indivíduos da região, ou seja, o consumo carnista na região e segundo a percepção dos voluntários está fundado no tradicionalismo cultivado fortemente com o decorrer do tempo. Além disso, segundo o argumento do voluntário, esse contexto cultural se transforma em certo modo como um bloqueio para o entendimento de informações a respeito de outros modos e estilos de vida que possuem hábitos de consumo alimentares nos quais a carne não é uma opção alimentícia. Essas divergências de consumo alimentar só são visualizadas pelo convívio o que representa para os vegetarianos e veganos que a apropriação de seu espaço de fala e discurso só é possível por meio das resistências evidenciadas nas práticas de consumo realizadas no coletivo através do núcleo como também, as práticas no cuidado de si através da dieta.

A segunda voluntária (V2) que se pronunciou relatou que “é complicado porque tem pessoas que vivem disso, pessoas com campo”, o que reforça as pressões de consumo dominante, pois o consumo carnista enraizado na cultura modifica também as atividades econômicas. Além disso, ele ocorre para suprir essas necessidades e alimentar uma indústria que se apropria de tais circunstâncias, tornando o consumo da carne em uma prática bem consolidada e aderida por grande parte dos indivíduos da região.

Os demais voluntários (V3) e (V4) expuseram percepções semelhantes exceto o voluntário (V4), que declarou “o pessoal está mais aberto [...] há pessoas mais curiosas”, o que revela os efeitos das resistências ao consumo dominante na região, que através de suas ações tem possibilitado mais abertura do tema neste contexto cultural e por isso permite testemunhar a aceitação e aprovação do tema. Reforço que esse relato condiz com o que experimentei em campo já, que em vários momentos que estive acompanhando a SVB notei muitas pessoas interessadas em mudar seu consumo alimentício, como também vegetarianos que não tinham vínculo com a SVB já tendo passado, por um bom período de transição, interessados em se unir e encontrar apoio com os demais voluntários do núcleo e participar das ações promovidas pelo mesmo, para reforçar suas práticas por meio da interação com o coletivo. Também, pude perceber que alguns voluntários recorrem a métodos mais caseiros na confecção de produtos e alimentos, para manterem sua dieta alimentícia, e também para não serem condizentes com uma indústria que se apropria de animais, e além disso o grupo já promoveu consultorias para empresas na cidade para reverter o quadro de grande quantidades de opções carnistas.

Além da percepção do contexto geral do tema vegetarianismo, questionei os voluntários sobre que resistências na opinião deles ainda existem para as pessoas que são carnistas. Os voluntários colocaram questões nutricionais como as principais, no sentido que as pessoas não têm informação suficiente sobre a dieta vegetariana e não apresentam muita noção a respeito de que tipo de alimentos esse público consome. Em geral, os carnistas possuem a ideia de que a dieta sem carne não é suficiente para suprir o corpo, e em alguns casos, buscam orientação com profissionais da saúde, como nutricionistas aqui da região para prescreverem dietas balanceadas sem a exclusão da carne.

É nesse cenário no qual o poder do consumo carnista se manifesta em sua maioria dominante (*mainstream*) por meio do contexto cultural do tradicionalismo e atividades econômicas, que surgem as práticas de resistência em pluralidade em que os pontos que as mesmas se contrapõem exercem por vezes o papel de adversárias. Todavia, são necessárias e espontâneas, pois exercem a reterritorialização do sujeito e o surgimento de reagrupamentos, transformando e instigando a produção de novas condutas com particularidades em suas

irredutibilidades, mesmo que essas resistências sejam mutáveis é só aconteçam no campo estratégico das relações de poder (FOUCAULT, 1988).

4.3 Consumo vegetariano como prática de si: da dietética à ética do cuidado de si

A prática da dieta vegetariana sempre está sujeita à transformação com o devir, pois como exposto no discurso dos voluntários da SVB sempre tenta-se praticar o que é possível dentro das circunstâncias em relação à historicidade, ou seja, ao tempo em que se vive, como também aos momentos nos quais nos constituímos como sujeitos, nas particularidades de nossa existência.

Nos relatos feitos pelos voluntários da SVB, ficou claro que cada voluntário está sujeito a modificação da sua dieta com o passar do tempo, pois a condução da sua dieta muitas vezes não está atrelada somente aos princípios do vegetarianismo e veganismo, muito menos apenas as intenções pessoais de cada um, mas as suas realidades e condições.

Todo esse contexto não pode nos remeter à ideia de que a constituição do sujeito através do cuidado de si se dá apenas pelo trabalho da consciência na individualidade e na exclusão do indivíduos dos demais, pois, quando falamos de subjetividade, segundo Foucault (1988), não podemos fazer indissociação do indivíduo com o coletivo.

Mesmo com a invisibilidade dos processos de subjetivação dos voluntários da SVB, foi possível perceber que a ética só se configura nas relações com os outros, corroborando com as reflexões de Foucault citadas anteriormente. Assim, percebo que, tanto com os demais voluntários dentro da próprio núcleo que compartilham dos mesmos interesses mas em diferentes intensidades, como também no convívio com carnistas, ao contrário do que se pensa, essas relações, inclusive a última, reforçam ainda mais a condição vegetariana de cada voluntário. Isso ficou evidenciado no decorrer da experimentação em campo tanto nas falas durante os questionamentos realizados de forma indireta (observação participante) como diretamente na conversa particular sobre a trajetória dos voluntários pesquisados.

Para adentrar em tais reflexões, foi solicitado aos voluntários que detalhassem em que momento os mesmos perceberam a consolidação de suas práticas de acordo com sua classificação (vegetarianos ovolactos ou estritos e veganos) e se haviam feito alguma mudança radical para sustentar suas atuais condições de consumo. No decorrer dos depoimentos de cada voluntário, ficou claro que, embora tenham feito mudanças mais radicais apenas nas dietas, os mesmos também perceberam a constituição de outras práticas de si para não se privarem do convívio social. Isso se manifesta no relato da voluntária (V1):

Não deixei de frequentar os locais, tenho amigos carnistas e quando a gente decide ir num lugar, eu não deixo de ir, mas tipo não pode pedir algo. Sempre perguntar como é frita a batata, isso é meio chato! [...] tipo, às vezes eu simplesmente não tô com fome, [mas] eu como em casa antes de sair e aí é tranquilo ir no lugar. Eu não vou sentir fome. Eu não vou olhar e querer comprar, eu já comi em casa.

Ficou claro que a voluntária dispõe de práticas de si que são estratégicas para manter seus hábitos de consumo e que para conviver e se relacionar com os demais indivíduos (carnistas, em sua maioria). É preciso recorrer a essas práticas, de certificação do que os alimentos possuem, como também consumir em casa para evitar tais situações em alguns estabelecimentos na cidade. Ainda nessa perspectiva, o voluntário (V4) também percebeu mudanças, para além das questões de sua dieta, na relação com os outros:

Eu acho que a única questão mesmo é a confraternização que muda um pouco, porque sempre as pessoas se reúnem para comer e, geralmente, elas se reúnem para comer carne ou alguma coisa

[com] leite, ovos e carne. Então, essa é a única diferença, [pois] te priva de algo. Tu tem que te preocupar: o que eu vou comer em tal lugar?!

Nessa declaração feita pelo voluntário (V4), percebe-se a prática de se planejar, acionado por alguma ocasião social, já que para não se privar do convívio com os demais é necessário preocupar-se de que forma irá se alimentar em determinados lugares. Além disso, mesmo sabendo que haverá em sua maioria carnistas, não deixa de ser um oportunidade de ativismo colocar também à mesa sua opção vegana.

Para além dessas questões vinculadas ao convívio social, a voluntária (V2) enfatizou mais a questão dos motivos da sua consolidação e afirmou:

Eu acho que o que me consolidou mesmo foi os animais. Mesmo porque tem momentos que eu fico pensando assim: ‘Nossa, tá me faltando’ [...] porque eu me alimento mal né, eu não sou uma pessoa regrada e tal, então, tem momentos que é bem difícil nas situações sociais. Mas comer carne pra mim não é uma opção como alimento [...] o que me consolidou mesmo foi a empatia pelos animais [...] Ah! As situações sociais não deixei de ir. Vou em todas.

Neste relato, é possível compreender que a prática de repensar constantemente nos animais motiva as práticas de restrições alimentares, e consolida o indivíduo na dieta vegetariana. Mais uma vez, é reforçado que as práticas do cuidado de si não exigem exclusão dos demais e que ela segue um fluxo natural de convivência, distinguindo-se em certos marcos nas escolhas alimentares de cada um, mas que não possuem efeitos maiores nas relações.

Já a voluntária (V5) ressaltou muito a questão familiar e como acontecem as relações e práticas dentro e fora de seu território existencial com os seguintes relatos: “Festas familiares eu não deixo entrar nada de origem animal. Lá em casa mesmo, assim [...] Ah! É um natal familiar. Se for na minha casa, não vai ter carne. Não entra nada de origem animal na minha casa!”. Ela também relatou mais uma situação de convívio com seus familiares: “Imagina querer fazer churrasco no meu aniversário. Apesar disso [ser vegana] ser a minha escolha, isso me ofende! [...] Eu acho uma falta de respeito na minha casa. Se sair com meus amigos e eles pedirem algo com carne, não tem problema. Agora, na minha casa sim!”.

A voluntária (V5) expressou em seu discurso que preza por algumas “regras” para consolidar suas práticas de consumo, principalmente, se o encontro com carnistas for em sua residência. Essas práticas de si criadas mostram coerência com os princípios defendidos pelo veganismo. Embora esteja inserida em uma cultura carnista da qual não tem controle, por meio das exigências que faz para conviver dentro de sua residência, ela consegue praticar seus princípios sem desconfigurar sua condição existencial. Deste modo, assumindo o reforço de seu discurso perante a sociedade na qual ela precisa conviver, mas sem se submeter às verdades que não são suas.

Estes foram alguns dos relatos escolhidos por mim que, somados à minha vivência em campo, permitiram-me ouvir depoimentos semelhantes não só de voluntários, como também de ouvintes das palestras que são vegetarianos e de participantes eventuais. Essas experiências me fizeram compreender processos de constituição de cuidados de si e as práticas através das quais eles se relacionam com os demais. Nesse caso, colocando-se em relação não apenas a outros seres humanos, mas também a outros seres vivos, principalmente, os animais.

Essas práticas adotadas pelos voluntários permitem consolidar e conservar suas escolhas e estilos de vida em meio a um contexto que sem tais medidas não lhes permitiriam abdicar do consumo da carne sem afetar seus convívios e posições sociais, pois o cuidado de

si não implica em medidas autopunitivas ou de exclusão social, mas justamente a partir da ética que se configura por meio das relações com os demais (FOUCAULT, 1985).

Além disso, a consolidação do discurso só tem efeito nas práticas, já que de fato é com as práticas que temos a demonstração imanente do que acontece no presente e como se estabelecem estratégias para romper com a moralidade enraizada pela historicidade, tão apregoada em nossa sociedade. Por meio deste estudo, visualizei de perto os processos de subjetivação que, por meio da consolidação das práticas dos voluntários da SVB, modificam realidades e condutas dando formação a novos modos de existência nos quais o individual não tem peso apenas sobre o próprio indivíduo, mas opera no e para o coletivo por meio de seus efeitos e reformulações de hábitos que sempre estão sujeitos a transformações. Em outras palavras, aquilo que Foucault (2004) denomina de estética da existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentemente dos demais estudos, procurei por meio da cartografia dar visibilidade aos processos de subjetivação que se desencadeiam em práticas que estão sempre sujeitas à transformação. Nesse estudo, as práticas identificadas foram que os voluntários só sustentam o consumo vegetariano através do cuidado si baseado na convicção de ética de cada um com os animais. Além disso, esse cuidado de si provoca práticas de articulação para convívio social.

Também percebi que a prática de ativismo é uma forma de resistência ao consumo carnista da região e por meio dessa prática os vegetarianos reforçam sua condição de consumo perante um posicionamento para a sociedade. Assim, o trabalho do núcleo na cidade, por meio de ações e eventos, possibilita melhor abertura do tema na região e propicia um ambiente de consumo mais favorável ao convívio dos vegetarianos na região.

Ademais, a maioria dos vegetarianos do grupo aderem à prática de confeccionar de forma caseira seus alimentos e alguns produtos, para não serem condizentes com certas indústrias que se utilizam da exploração animal. Eles também buscam por conhecimento e suporte através da internet, o que contribui para que muitos voluntários não se vejam obrigados a consumir as poucas opções de produtos vegetarianos ou veganos presentes na região. De modo geral, as práticas constantes de ativismo e trabalho do grupo SBV na Fronteira da Paz também têm alcançado alguns estabelecimentos nas cidades de Santana do Livramento e de Rivera por meio de consultoria em opções veganas. Ainda, o convívio do coletivo e a integração dos membros serve como apoio para as práticas de resistência de cada voluntário e para a conversão de carnistas em vegetarianos na região.

Este estudo serviu sem dúvida para os objetivos a que me propus investigar, porém, não em moldes definidos ou práticas metodológicas já previamente delineadas. O caminho que percorri para consolidar minhas análises tomou a forma que o campo permitiu e conforme o compasso das situações e experiências que se articularam sem meu controle, assim como nós, indivíduos, somos submetidos todos os dias no percurso da nossa trajetória de existência.

Para tanto, a escolha da cartografia permitiu acompanhar o fluxo dos processos na sua forma real por meio da observação e da experimentação, que nada mais é do que a vivência das verdades constituídas entre pesquisador e pesquisados, na qual o pesquisador não dita muito menos se apropria de instrumentos de pesquisa para comprovar ou validar convicções.

O método cartográfico me exigiu disposição e acompanhamento constante para não perder detalhes que só a experimentação permite, mas também me conferiu como pesquisadora liberdade para experimentar a verdade investigada como se fosse minha. Logo,

minha experiência com o campo provocou em mim muitas inquietações a respeito de minhas escolhas de consumo, o que acabou me modificando como indivíduo. Por isso, pude sentir os efeitos que a liberdade da cartografia permite quando me deixei experimentar pelas verdades presentes no núcleo da SVB Fronteira da Paz e aderi, como os voluntários, ao consumo vegetariano, trazendo ao meu cotidiano as práticas que me propus em primeira instância apenas observar.

Nesse estudo, as análises se focam mais na questão do consumo alimentar, mas seria interessante em estudos futuros entender, pela própria dinâmica do veganismo, o quanto essa prática cria um processo de subjetivação que engendra novas formas de consumo de outros bens e serviços que não apenas os voltados para a questão alimentar. Além disso, esse estudo pode ser incentivador de mais trabalhos no campo de marketing e dos estudos sobre consumo que utilizem a cartografia como método de pesquisa, pois ela permite vivenciar as construções de práticas e hábitos de consumo a partir da perspectiva da subjetividade dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

AYROSA, E. A. T. Perspectivas, avanços e resistências na produção de conhecimento em Marketing. **Revista de Negócios**, v. 18, n. 1, p. 34-41, 2013.

AYROSA, E. A. T.; CERCHIARO, I. B. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa em Marketing: Compreendendo Diferenças, Produzindo Confluências. **Revista ADM.MADE**, v. 18, n. 3, p. 1-18, 2014.

BORELLI, F. C.; HEMAIS, M. W.; DIAS, P. I. R. C. Ecológicos ou Controlados? Construindo Discursivamente o Consumidor Consciente. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 11, n. 2, p. 18-42, 2012.

BREI, V. A.; ROSSI, C. A. V.; EVRARD, Y. As necessidades e os desejos na formação discursiva do marketing - Base consistente ou retórica legitimadora?. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 5, n. 4, p. 1-21, 2007

CAMARGO, Thiago Ianatoni; DE SOUZA LEÃO, André Luiz Maranhão. Pague e Peque: Uma Arqueologia do Discurso do Adultério Mercadorizado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 6, p. 732-749, 2015.

CARDOSO, B. L.; SOUZA, A. M. Consumo consciente e sua influência no comportamento do consumidor: Uma análise da recente publicação científica do Brasil. **Desenvolvimento e Sustentabilidade**, de, v. 21, 2013.

COSTA, A. B.A (in)adequação das teorias do comportamento do consumidor para a análise do consumo ativista. **Pensamento & Realidade**, v. 26, n. 2, p. 65-83, 2011.

COSTA, F. Z. N.; LEÃO, André Luiz Maranhão S. Desvelamento do limiar discursivo de uma marca global em uma cultura local. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, n. 2, p. 299-332, 2011.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. 8. ed. Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: a vontade do saber. 13.ed.Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. 'Verdade e poder.' In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: _____. **Ditos e Escritos V**. Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**.Porto Alegre: Plageder, 2009.
- MARCONI,M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MONDO, T. S. Considerações epistemológicas sobre a construção de preferências e os hábitos de consumo. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 3, p. 1-19, 2013.
- PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PEDROZO, Y. G. **Veganismo: A interface de atuação entre o veganismo com atletas e feministas**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.
- SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. 2006.
- TRIGUEIRO, Aline. Consumo, ética e natureza: o veganismo e as interfaces de uma política de vida. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 10, n. 1, p. 237-260, 2013.
- WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Trabalho, gestão e subjetividade: dilemas de chefias intermediárias em contexto hospitalar. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 8, n. 1, art. 4, p. 53-70, 2010.
- WEBER, L.; GRISCI, C. L. I.; PAULON, S. M. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 4, p. 841-857, 2012.

WEBER, L.; GRISCI, C. L. I. Conexões entre trabalhadores: alternativas para além do discurso hegemônico de grupos e equipes. **Organizações & Sociedade**, v. 20, n. 65, p. 207-224, 2013.